

verdade. O trabalho de Jacob Boehme na Alemanha, do conde de Saint-Germain na França, como também a reforma de Lutero na igreja e o trabalho de Thomas Paine ao influenciar a grande revolução norte-americana, formam parte deste movimento. Ele não é oriental nem ocidental, mas foi começado no Mundo Espiritual superior. Por isso, nós dizemos que os Mestres e Adeptos inspiram este movimento. Mas será que os Mestres só se preocupam com a Loja Unida de Teosofistas? O sr. [William] Judge afirma:

“Como o Movimento Teosófico é contínuo, ele pode ser encontrado em todos os tempos e todas as nações. Onde quer que o pensamento venha lutando para ser livre, onde quer que as idéias espirituais tenham sido promulgadas em oposição às formas e ao dogmatismo, lá o grande movimento pode ser percebido.” [1]

O movimento teosófico moderno foi fundado em um momento extremamente crítico da história humana, quando o materialismo científico e o dogmatismo religioso apresentavam a verdade como algo a ser rejeitado. Um Mestre escreveu: “Já é hora de que a teosofia entre na arena.” Este é um chamado à luta, e ele faz com que visualizemos o lutador ingressando no local do combate. A teosofia entrou na arena e desafiou não só a Ciência e a Religião, mas o seu desafio era e é feito a toda a humanidade. H. P. Blavatsky descreve da seguinte maneira o movimento em “A Chave Para a Teosofia”:

“Se o movimento teosófico fosse mais um dos numerosos modismos de hoje em dia, que são no final das contas tão inofensivos quanto evanescentes, ele seria simplesmente um motivo de riso (.....), e seria deixado de lado. Mas a verdade é muito diferente. Intrinsecamente, a teosofia é o movimento mais sério da era atual; e um movimento, além disso, que ameaça a própria existência da maior parte das falsificações, dos preconceitos e dos males sociais da atualidade, todos legitimados pela tradição; males que engordam e tornam felizes a minoria dominante e os seus imitadores e bajuladores – os pouco numerosos membros da classe média alta – ao mesmo tempo que claramente esmagam e fazem passar fome milhões de pobres.” [2]

O movimento teosófico é um movimento de idéias. Ele convida o materialismo científico a enfrentar os fatos. A teosofia apresenta fatos e parece dizer à ciência que ela não deve evitá-los. A norma da ciência tem sido adaptar as teorias aos fatos. Assim, se as teorias não correspondem aos fatos, a ciência deve estar disposta a abandoná-las. Mas, de outro lado, os Mestres têm grande apreço pela ciência. Tanto a ciência como a teosofia rejeitam a idéia de milagres. No entanto, a obra “Luz no Caminho” assinala a inadequação do conhecimento científico e dos métodos da ciência:

“O laboratório não é o único terreno de experimentação; devemos ter presente que ‘ciência’ deriva de ‘ciens’, participio de ‘scire’, ‘conhecer’; a sua origem é semelhante à das palavras ‘discernir’, ‘saber’. (...) Ciência é uma palavra que abarca todas as fórmulas do conhecimento. (...) Obter conhecimento por meio de experiências é um método demasiado lento para os que desejam realizar um verdadeiro trabalho. Aquele que o obtém por uma intuição segura domina as suas várias formas com rapidez extraordinária, por um grande esforço de vontade.” [3]

O desafio que a teosofia faz para a teologia é que, se a teoria não for apoiada por uma explicação, a religião perde sua validade. A era atual é marcada pela liberdade de pensamento e de pesquisa. Ela cria a necessidade de ir além de meros rituais e cerimônias e de chegar à experiência direta alcançada por aqueles que já são espiritualmente desenvolvidos. O

próprio estudo da teosofia é desafiador, e exige do leitor que deixe de lado os preconceitos e as idéias pré-concebidas.

No prefácio de “Ísis Sem Véu”, H.P.B. escreve:

“A obra que agora submetemos ao julgamento público é fruto de um convívio até certo ponto íntimo com adeptos orientais, e do estudo da ciência a que eles se dedicam. Ela é dedicada a aqueles que estão dispostos a aceitar a verdade onde quer que ela esteja, e a defendê-la, enfrentando de frente até mesmo o preconceito popular (...). O livro foi escrito com toda sinceridade. Ele pretende fazer justiça, e dizer a verdade sem malícia ou preconceito. Mas ele não mostra compaixão pelo erro entronizado, nem reverência por autoridade ilegítima. Ele exige para um passado espoliado o crédito que durante muito tempo foi negado às suas descobertas. Ele propõe uma restituição do que foi roubado, e o resgate de reputações caluniadas mas gloriosas. É apenas neste espírito que são feitas críticas a formas de adoração, crenças religiosas e hipóteses científicas. Homens, agrupamentos, seitas e escolas são apenas fatores efêmeros de uma época que passa. A VERDADE, estabelecida sobre uma rocha de diamante, é eterna e suprema.”

O desafio não é feito a Darwin, a Huxley ou qualquer indivíduo particular, mas aos modos errados de pensamento em que cai a mente humana. Há pessoas, organizações e instituições que forcem as pessoas a pensar de um determinado modo. Nós somos convidados a buscar a Verdade apenas, e nada menos que a Verdade.

O desafio para a humanidade em seu conjunto está no fato de que as doutrinas da fraternidade universal, do carma e da reencarnação não são uma mera utopia, mas são praticáveis. Cada um de nós é desafiado a colocá-las em prática e observar se o resultado ocorre tal como anunciado pela teosofia. O resultado previsto é que nossa Terra será um céu no século 21, se comparado com o que era no século 19. [4]

O desafio é válido especialmente para os estudantes de Teosofia. Para compreender a fraternidade universal, devemos primeiro ter êxito na formação de um núcleo de fraternidade universal. Como podemos fazer isso? Um Mestre de Sabedoria escreve:

“A teosofia, portanto, espera e solicita dos membros da Sociedade uma grande tolerância mútua e caridade em relação a suas limitações mútuas, e uma decidida ajuda mútua na busca das verdades em todos os aspectos da natureza – morais e físicos. E este padrão ético deve ser inabalavelmente aplicado à vida diária. A teosofia deve ser transformada em algo prático (...). Esqueçam o EU ao trabalhar para os outros – e a tarefa se tornará fácil e leve para vocês.”

“Inabalavelmente” é uma palavra forte. Ela não significa apenas “sem hesitação”, mas implica “fazer algo ainda que isso nos faça parecer absurdos aos olhos dos outros”, ou ainda que isso nos cause desconforto físico e mental. Ao formar o núcleo de fraternidade universal, somos desafiados a deixar de identificar-nos com nossa casta ou religião, e a vencer a sensação de ser um hindu, um muçulmano, um cristão, etc. É possível que mesmo depois de um longo convívio com a teosofia o fato de que um estudante pertença a uma religião ou casta particular possa criar estranhas armadilhas em sua consciência. Como disse Jesus: “Saiam de onde os outros estão e sejam diferentes.” Nós somos convidados a viver de modo diferente.

Devemos lembrar que o movimento teosófico foi criado com um certo propósito. No meio da quarta ronda [5], Manas [a mente] foi acendida. Nesta quarta ronda Kama (o princípio do

desejo) é predominante. No entanto, Manas só estará completamente desenvolvida na quinta ronda, e naquele ponto toda a humanidade estará frente a frente com “o momento da escolha”, a escolha entre tomar o caminho Correto e tomar o caminho Errado. Como Manas hoje não está completamente desenvolvida, nossas escolhas são vistas com certa tolerância, como se fossem escolhas infantis. Mas com o desenvolvimento completo de Manas, nós seremos totalmente responsáveis. Deste modo, é como um mecanismo de preparação para aquela crise futura que cada um deve tomar sua evolução em suas próprias mãos. Aqueles que o fizerem estarão ajudando a aumentar a segurança de toda a raça humana no futuro. Por isso os Mestres guiam a humanidade. Mas a lei estabelece que, para tornar-se um discípulo, é preciso tornar-se um servidor.

Outras duas idéias importantes que a teosofia se esforça por transmitir são:

1) Os Mestres existem, e eles são Ideais, mas sua existência também é um fato da Natureza. Podemos alcançar o estágio em que eles estão, porque cada um de nós é potencialmente perfeito.

2) A meta mais elevada da vida espiritual não é Moksha ou libertação. Como diz o Mestre, a meta correta “não é o propósito e a determinação individual de obter o Nirvana – a culminação do conhecimento e absoluta sabedoria, o que constitui, afinal, um egoísmo exaltado e glorioso”, mas sim o caminho da Renúncia ensinado pela escola [budista] Mahayana. Portanto, cada indivíduo é inseparável de todos os outros indivíduos. Ninguém pode cometer um erro e sofrer as suas consequências sozinho. Assim, também, ninguém pode progredir sozinho, sem levantar ou afundar um pouco toda a humanidade consigo.

“Luz no Caminho” afirma:

“Dê sua ajuda às poucas mãos fortes que impedem que as forças da escuridão obtenham uma vitória completa.” Aqueles que se somam à Loja Unida de Teosofistas aceitam este desafio de tornar-se servidores. Eles aceitam o desafio de enfrentar “a serpente do eu” – a natureza inferior. Isto significa ser capaz de dizer firmemente que não importa o que me agrada ou me desagradar, nem se algo me fere ou não me fere, mas irei estabelecer um centro de consciência dentro de mim que cumprirá o meu dever espiritual. Isto pode fazer com que enfrentemos algum conflito interior, mas, como disse Jesus, “Eu não trago a paz, eu trago a espada”; e a teosofia diz a mesma coisa. Cada estudante de teosofia tem um papel a cumprir neste movimento. Em “Luz no Caminho” é dito que os Mestres descrevem a si mesmos como servidores da humanidade. “Parte do serviço [dos Mestres] é fazer com que o conhecimento que eles possuem chegue a ele [o estudante] ; seu primeiro ato de serviço é dar alguma coisa daquele conhecimento a aqueles que ainda não estão prontos para chegar até onde ele está.”

Este é o modo arquetípico de expressar a nossa participação no movimento teosófico. Assim como os Mestres deram o conhecimento a nós quando não estávamos prontos para chegar até onde eles estão, assim também nós devemos ajudar aqueles que sabem ainda menos que nós. “Que a escuridão interior ajude você a compreender o desespero daqueles que não viram a luz, e cujas almas estão em profunda tristeza.”

Aqueles entre nós que se beneficiaram através da teosofia aceitaram ajudar os Mestres. O desafio da teosofia não é saber o quanto que nós aprendemos, mas saber até que ponto estamos dispostos a assumir esta tarefa. Cada um de nós deve decidir que papel irá cumprir no progresso de toda a raça humana. É dada a nós a oportunidade de participar do movimento

teosófico, através da associação com a Loja Unida de Teosofistas. Depende de nós manter este corpo, instrumento ou forma tão puro quanto possível, de modo que a luz interior possa irradiar-se para o mundo externo e mais pessoas possam chegar à teosofia pura e simples – incontaminada por nossas opiniões ou predisposições.

“Por quanto tempo, ó deuses radiantes da verdade, quanto tempo mais devem eles escutar que a teosofia não é propriedade de uma nação, que não é uma religião, mas apenas o código universal de conhecimento, e a mais transcendental ética que jamais foi conhecida ; que ela está na essência de cada filosofia moral e religião, e que nem a teosofia *em si*, nem o seu humilde instrumento, o movimento teosófico, têm qualquer coisa a ver com personalidade, ou personalidades.”

NOTAS:

[1] “W.Q. Judge Series” número 3, p. 1. O trecho pertence ao artigo “O Movimento Teosófico”, de W.Q.Judge, que está publicado no website www.filosofiaesoterica.com . Procure o nome de Judge na seção “Lista de Textos por Autor”.

[2] Traduzido diretamente de “The Key to Theosophy”, H.P.Blavatsky, Theosophy Co., Mumbai, Índia, p. 269. Na edição brasileira de “A Chave Para a Teosofia” (Ed. Teosófica), veja p. 233.

[3] “Light on the Path”, a treatise, Theosophy Co., India, 1991, 90 pp., ver pp. 32 e 34. na edição brasileira da Ed. Pensamento, “Luz no Caminho”, Mabel Collins, ver pp. 41 e 43.

[4] É com esta idéia que H.P.B. conclui seu livro “A Chave Para a Teosofia”.

[5] “quarta ronda” - a expressão se refere a uma enorme extensão de tempo, do ponto de vista dos ciclos planetários abordados na obra “A Doutrina Secreta”, de H.P.B. O movimento foi criado tendo em vista uma visão de longo prazo da evolução humana e geológica.

00000000

O texto acima foi traduzido da edição de novembro de 2004 da revista mensal indiana “The Theosophical Movement”. A revista é publicada por associados da Loja Unida de Teosofistas, LUT. Título original do artigo: “The Theosophical Movement Timeless and Present”.

00000000000000

Consciência Planetária

A Aprendizagem de Barack Obama

Estudando o Ódio Para Eliminar Suas Causas

A proposta central do movimento teosófico é promover a compreensão da lei da fraternidade universal, e isso significa substituir as causas do medo e do ódio – que produzem conflitos – pelas causas da boa vontade e da ajuda mútua entre todos os indivíduos e povos.

O presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, parece caminhar em uma direção semelhante. Ele conta em um dos seus livros que, quando jovem, leu a obra clássica

“Coração das Trevas”, de Joseph Conrad, com o objetivo de compreender o processo do ódio e do medo, especialmente dos cidadãos brancos em relação à raça negra.

Barack Obama foi eleito dia quatro de novembro com uma proposta de governo que inclui a idéia de unir os Estados Unidos e o mundo em torno da prática da cooperação em escala planetária.

No seu livro “A Origem dos Meus Sonhos”, publicado em 1995, Obama reproduz um diálogo que teve na juventude com uma amiga. Ela pergunta por que ele estava a ler o livro “Coração das Trevas”, apesar de considerá-lo uma obra racista. Barack responde:

“... Porque o livro me ensina coisas. Sobre as pessoas brancas, quero dizer. Veja, o livro realmente não é sobre a África. Nem sobre as pessoas negras. É sobre o homem que o escreveu. O europeu. O norte-americano. Um modo particular de olhar o mundo. Se você puder manter uma distância, está tudo lá, no que está dito e no que resta dizer. Por isso, eu leio o livro para me ajudar a entender o que deixa as pessoas brancas tão cheias de medo. Os seus demônios. A maneira como as idéias se distorcem. Ele me ajuda a entender como as pessoas aprendem a odiar.”

“E isso é importante para você”, disse a amiga. Obama pensou: “Minha vida depende disso”. Mas ele sorriu para ela e disse apenas:

“Este é o único modo de curar uma doença, certo? Fazer um diagnóstico.” [1]

Em seu livro, Barack Obama revela alguns pensamentos que para ele serviram como axiomas de sabedoria da vida. Seu pai, com quem teve uma convivência escassa mas marcante, lhe disse certo dia: “Confiança: [este é] o segredo do sucesso de um homem.” [2]

Com sua mãe, Barack aprendeu a desenvolver qualidades como honestidade, justiça, franqueza e opinião independente. [3] Outro princípio básico norteador de Obama foi colocado deste modo no livro em que ele narra sua juventude:

“Qual é o truque? O truque é não dar atenção ao fato de que algo dói.” [4] Esta idéia constitui um dos conceitos mais importantes da filosofia estoíca.

Em determinado momento da sua juventude, Obama fez o seguinte inventário das lições aprendidas:

“Olhe para si mesmo antes de julgar os outros. Não obrigue ninguém a resolver uma confusão criada por você. Não leve nada para o terreno pessoal. Eram pontos simples, homilias que eu havia escutado mil vezes antes, em todas as suas variações, na televisão e em livros de filosofia, dos meus avós e da minha mãe.” [5]

Em outro momento, uma amiga esperava algo de Barack.

Ele escreve:

“O que ela pedia de mim, então? Determinação, principalmente. A determinação para seguir adiante contra qualquer poder que a mantivesse curvada ao invés de erguida. A determinação de resistir ao que é fácil e cômodo. Você pode estar preso a um mundo que não foi feito por

“você, seus olhos diziam; mas você ainda pode dizer algo sobre o modo como ele adquire forma hoje. Você ainda tem responsabilidades.” [6]

NOTAS:

[1] “A Origem dos Meus Sonhos”, Barack Obama, Editora Gente, SP, 2004, 450 pp., ver pp. 120-121.

[2] “Dreams From My Father”, Barack Obama, Three Rivers Press, New York, 458 pp., 2004, ver p. 8.

[3] “Dreams From My Father”, obra citada, p. 49.

[4] “Dreams From My Father”, obra citada, p. 93.

[5] “Dreams From My Father”, obra citada, p. 110.

[6] “Dreams From My Father”, obra citada, p. 111.

00000000000000

Pergunta e Comentário: Tudo Depende da Forma de Dizer?

Pergunta:

É verdade que, do ponto de vista espiritual, não importa o que dizemos a alguém – importa sobretudo a maneira como as coisas são ditas?

Comentário:

Não exatamente. Até o momento, ainda não foi decretado que só a embalagem do produto é significativa, e que o produto, em si mesmo, não tem valor algum. O conteúdo do que se diz ainda tem mais importância do que a forma.

É verdade que, graças às modernas técnicas de propaganda e manipulação mental, cresce rapidamente o número de pessoas que se especializam em não dizer nada. E elas aprendem a fazer isso de modo especialmente simpático e agradável.

Alguns canais abertos de televisão, por exemplo, não informam nem educam, mas, para manipular melhor, mostram imagens que são mecanismos eficientes para prender a atenção do público desinformado. Alguns jornais impressos seguem a mesma linha de ação. Pessoas são treinadas para deixar inteiramente de lado as questões de conteúdo e dedicar-se à manipulação do interlocutor através da forma e da aparência. Nada disso é suficiente, no entanto, para cancelar a vigência da lei do carma: o que se planta, se colhe, e não há exceções.

A teosofia ensina que o resultado das ações não depende da forma, mas da intenção e do conteúdo. A maturidade e a sabedoria de alguém são determinadas pela sua capacidade de transcender a camada externa e a aparência das pessoas e coisas. Enquanto houver um grande número de cidadãos presos apenas ao modo como as coisas são ditas, os profissionais da arte de mentir continuarão proliferando, dentro e fora dos palácios executivos e parlamentos. Mas o verdadeiro estadista, como todo ser humano responsável, diz em primeiro lugar a verdade. Em segundo lugar, ele a diz de um modo que na medida do possível não gere antagonismo, mas compreensão. A repercussão do que se fala, no entanto, depende também de quem ouve.

Um autêntico ditado popular brasileiro afirma: “As aparências enganam”. Antoine de Saint-Exupéry escreveu: “O essencial é invisível aos olhos”. A filosofia e a teosofia se guiam pelo essencial. Por isso, o primeiro passo na aprendizagem é ir além da casca e transcender o joio para perceber o trigo. Atualmente, somos forçados a constatar que há um número desnecessariamente grande de pessoas que separa com todo cuidado o joio do trigo, apenas para jogar fora o trigo e para alimentar-se do joio das aparências.

Quando pessoas de uma ingenuidade bem intencionada pensam que “pode-se dizer qualquer coisa, mas deve-se dizê-la de modo amável”, é quase como se dissessem, sem saber:

“Pode-se mentir à vontade, porém a mentira deve ser dita de modo amável.”

Todos sabem que é melhor a crítica dura e sincera do amigo que nos respeita, do que a falsidade adocicada de quem tem má vontade conosco, mas procura disfarçar isso usando de insinceridade. Há ainda outro aspecto na eterna luta entre o jogo das aparências e o jogo da verdade. Quando não há argumentos racionais contra uma verdade, ataca-se a maneira como a verdade foi dita. Quase sempre que um buscador da verdade tenta colocar em discussão uma verdade “incômoda”, que contraria interesses estabelecidos e esquemas de poder dominante, ele é imediatamente catalogado como anti-fraterno e não-amável. A postura filosófica e teosófica consiste em não atacar pessoas, de um lado, mas, de outro lado, ela recomenda nunca distorcer a verdade como se ela pudesse adaptar-se a falsos consensos e a jogos de conveniência. Não se trata de criticar alguém, mas de assinalar erros coletivos quando estes necessitam ser corrigidos.

Platão escreveu dois dos seus Diálogos (“Protágoras”, e “O Sofista”) para mostrar a diferença abissal entre a filosofia e os sofistas.

Os sofistas afirmam que a aparência é mais importante que a verdade, e que a forma merece mais atenção que o conteúdo. Os filósofos, por sua vez, são amigos da verdade. Eles preferem o trigo ao joio. No século 19, Helena Blavatsky contrariou a lógica do pensamento politicamente correto e colocou por terra as premissas filosóficas e religiosas da civilização industrial-materialista. Para ser verdadeira no conteúdo, ela teve que ser irreverente na forma. E ela não foi uma exceção: todos os pioneiros de qualquer época devem contrariar os consensos “bem-educados” cujo cimento é a falsidade. Galileu teve a aparente arrogância de “questionar a vontade de Deus” ao afirmar que a Terra girava em torno do Sol. Naquele tempo, graças à Igreja Católica de Roma e à infalibilidade papal, todos “sabiam” que a Terra era o centro fixo do universo, e o sol e a galáxia inteira giravam humildemente em torno do nosso planeta, porque um deus imaginário havia decidido assim. Muito antes disso, Jesus já chamara de sepulcros caiados os sacerdotes de sorriso amável que se preocupavam mais com as aparências do que com os conteúdos.

A questão da luta entre forma e conteúdo talvez não seja fácil para a cultura ocidental. O ponto pode ser complexo, mas também é fundamental. Em torno dele gira a nossa capacidade de transcender o dogma, a burocracia, os interesses corporativos – e de perceber a substância da realidade interior.

A partir do momento histórico que estamos vivendo, será cada vez mais necessário ir da letra morta das aparências para o espírito vivo da realidade interior. É preciso aprender a aprender, portanto: o futuro pertence a quem tem olhos para ver.

Nada e Ninguém Estão Jamais Isolados

O Processo do Apoio Mútuo

No despertar da vontade espiritual, os processos de ajuda mútua dissolvem obstáculos que de outro modo seriam insuperáveis. Ninguém está separado: tudo se transmite e se comunica. O esforço e o progresso de cada um tornam mais fáceis o progresso e o esforço de todos os outros. A recíproca é verdadeira: o progresso do conjunto também facilita o progresso de cada indivíduo aparentemente isolado.

Um princípio básico da caminhada de todos os seres é a paz-ciência de uns com os outros, e também de cada um consigo mesmo. Todos avançam melhor quando aceitam quatro fatos:

1) Sendo seres humanos, somos todos aprendizes; 2) O progresso no aprendizado espiritual é lento e implica aceitar perdas; 3) Identificar e corrigir nossos erros à luz do ideal do auto-perfeioamento é algo luminoso, que traz grande bênção; 4) A firmeza no que é essencial é tão necessária quanto a flexibilidade no que é secundário. Este “quaternário” de constatações não só fortalece a vontade, mas a torna mais criativa.

Busca da Sabedoria Abre Caminho Para a Paz

Simplicidade Voluntária é a Solução

Quando alguém descobre que o verdadeiro propósito da vida é o aprendizado interior, o próximo passo não é necessariamente encontrar a paz. O indivíduo ainda pode, a curto e médio prazo, cometer o erro de exigir demasiado de si próprio ou dos outros. As expectativas e pressões emocionais são ilegítimas e geram pelo menos três tipos de consequências negativas.

1) A primeira delas pode ser a simples impossibilidade de dar o primeiro passo na caminhada teosófica. A meta é vista como “tão elevada” que parece inalcançável e não há ânimo sequer para começar. O estudante deve lembrar que uma longa caminhada começa com o primeiro passo e que o método homeopático é correto.

2) Na segunda reação, o indivíduo empreende a caminhada mas sua pressa e sua falta de discernimento provocam um conflito neurótico consigo mesmo. Em alguns casos, o conflito está associado a medo ou ambição pessoal. A ambição – inclusive na sua variante “espiritual” – pode ser uma compensação precária para sentimentos de medo.

3) Uma terceira reação ocorre quando o indivíduo tenta mostrar para os outros que tem um comportamento ético e elevado e procura exagerar suas virtudes. Aqui surge a aparência da espiritualidade como um exercício para obter prestígio. Infelizmente, não chega a ser um fenômeno demasiado raro nos meios chamados esotéricos e espiritualistas.

Estas três situações levam à infelicidade, a menos que sejam reconhecidas como infantis e deixadas de lado. Do ponto de vista coletivo, o mais importante é perceber que tais atitudes

não surgem por acaso nem são obra do Espírito Santo, mas resultam de uma visão pedagógica equivocada.

Forçar prematuramente uma disciplina de fora para dentro é o caminho para o desastre, nas três variáveis citadas acima. A filosofia esotérica avança com segurança ao propor o respeito à autonomia, ao ritmo e ao temperamento próprios de cada aprendiz. Em teosofia, só se recomenda austeridade em termos abstratos e impessoais. Cada um deve saber regular o seu próprio ritmo. A austeridade será autêntica apenas quando vier de dentro. Ela surgirá gradualmente, por decisão e iniciativa próprias do aprendiz, e nunca pelo apelo externo de alguma “autoridade”. A filosofia esotérica propõe uma visão de mundo universal. A visão ampla produz naturalmente uma Ética da Fraternidade em relação a todos os seres.

Quanto aos três obstáculos, vejamos: 1) A meta espiritual pode ser distante, mas dando pequenos passos o peregrino avançará na direção correta; 2) A paciência e a humildade dissolverão seus temores e ambições; 3) Contemplando e estudando as verdades universais, ele perceberá que a vida simples é uma chave para a felicidade. A simplicidade voluntária se transforma gradualmente em austeridade (“tapah” em sânscrito), e a austeridade é uma das virtudes essenciais de Raja Ioga, a ioga do auto-conhecimento e do auto-controle

O propósito da vida não pode ser “ensinado” a alguém, nem pode ser “aprendido” de alguma pessoa. Porém é um fato que o estudo da filosofia esotérica nos devolve o sentido de responsabilidade sobre nossas próprias vidas e faz com que o propósito da nossa existência surja diante de nós com clareza e amplitude crescentes. E disso surge a paz interior ou Shanti.

Fragmento Sobre a Prática da Oração Percebendo a Relação Entre a Prece e a Vontade

Damodar Mavalankar

Nota de Sven Eek [1] :

O texto a seguir é a resposta a uma carta de K. C. M., em que ele pergunta qual é o verdadeiro significado da oração, e se há algum problema nas diversas formas e métodos de aproximação do Eu Superior através da oração. K.C.M. diz:

“... Verifiquei que a oração é permitida em todas as religiões conhecidas do mundo. Deve ter havido motivos fortes para que a prática fosse adotada. Terá sido por que os Instrutores pensaram ser aconselhável não interferir com os sentimentos naturais de seus seguidores?...”
(O Compilador)

000

Agimos com base no princípio de que aquilo que é alimento para um é a morte para outro. Assim, enquanto algumas pessoas não conseguem desenvolver suas capacidades psíquicas latentes sem a oração, há outras que podem fazer isso.

Não atribuímos qualquer valor às palavras proferidas. Se as palavras tivessem algum efeito, como é que diferentes religiosos, embora usando diferentes formas de expressão, conseguem obter o mesmo resultado? Além disso, aqueles que rezam em silêncio e intensamente alcançam seu objetivo, enquanto que aqueles que simplesmente balbuciam alguma fórmula, sem entendimento do significado, não alcançam respostas às suas orações.

Como foi dito em “Ísis Sem Véu”, estamos convencidos de que a oração é uma expressão do desejo, que gera a Vontade. E esta VONTADE é todo-poderosa; seu efeito depende, é claro, das condições do ambiente que a envolve.

Os filósofos são necessariamente poucos. Eles não precisam de cerimônias externas ou de um objeto para focar e concentrar a força de Vontade.

Não podemos esperar que mortais comuns, cujas ações e percepções sensoriais não os permitem ir além da máscara, consigam agir sem o auxílio de algum processo externo. O que lamentamos é a degeneração desta oração real - a expressão externa de um sentimento interno - o que a transforma em um emaranhado de palavras sem sentido.

A oração do filósofo é a sua contemplação (tema sobre o qual será encontrado um artigo na última edição de “The Theosophist”). [2]

NOTAS:

[1] Este texto é traduzido da obra “Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement”, obra compilada por Sven Eek e publicada por Theosophical Publishing House, Adyar, Índia, 720 pp., 1978, ver pp. 405-406.

[2] Aqui Damodar se refere ao seu próprio artigo intitulado “A Contemplação”. O texto pode ser encontrado clicando no nome “Damodar Mavalankar”, na seção “Lista de Títulos por Autor” do website www.filosofiaesoterica.com.

Novo Livro do Centro Lusitano de Unificação Cultural

Alexandria e o Conhecimento Sagrado

O Centro Lusitano de Unificação Cultural, CLUC, publicou há pouco em Lisboa mais uma obra de José Manuel Anacleto, o editor da revista portuguesa “Biosofia”. Bem escrito, cuidadosamente documentado ao longo das suas 772 páginas, o livro “Alexandria e o Conhecimento Sagrado” constitui uma obra de fôlego e caminha com horizontes largos.

Anacleto é um estudante da teosofia original. Ele aborda as tradições pitagórica, platônica, hermética, gnóstica, judaica e cristã, todas elas com desenvolvimento importante em Alexandria. Fazendo um estudo comparado, ele analisa também o budismo, o mazdeísmo, a vedanta, o mitraísmo, a cabala, o islamismo e o sufismo, entre outras tradições. “Alexandria e o Conhecimento Sagrado” faz extensas correlações com “A Doutrina Secreta” e outras obras de H. P. Blavatsky. Como levantamento lúcido da história e do significado do neoplatonismo – com destaque para a Teosofia Eclética de Amônio Saccas – esta obra de J.M. Anacleto

